

# Utensílios





## FOGÃO

Botelho Netto tinha especial predileção por fotografar utensílios e artefatos de trabalho. Nesta imagem, vê-se que a lenha queimada salpica as paredes de picumã, o canecão de lata, a chaleira de ferro que a mão engelhada destapa. À esquerda, trançando retas com o atizador de ferro, o coador de flanela.

## PRATELEIRA

Utensílios típicos de cozinha, de todo material. Cobre, ferro, ágata. Intrrometidas, as porungas, a fruta do pinheiro e a cuia.





## LAVAÇÃO

Hora de limpeza. Areia ajuda a tirar as cracas.

## REDE

Preparando a rede na névoa da manhã, hora boa para pegar peixe.





## TREMPE

Arrumação equilibrada.

Utensílios para colheita e beneficiamento de grãos. (Canas, década de 80).



COZEDURA EM FOGÃO DE LENHA



Cultura popular





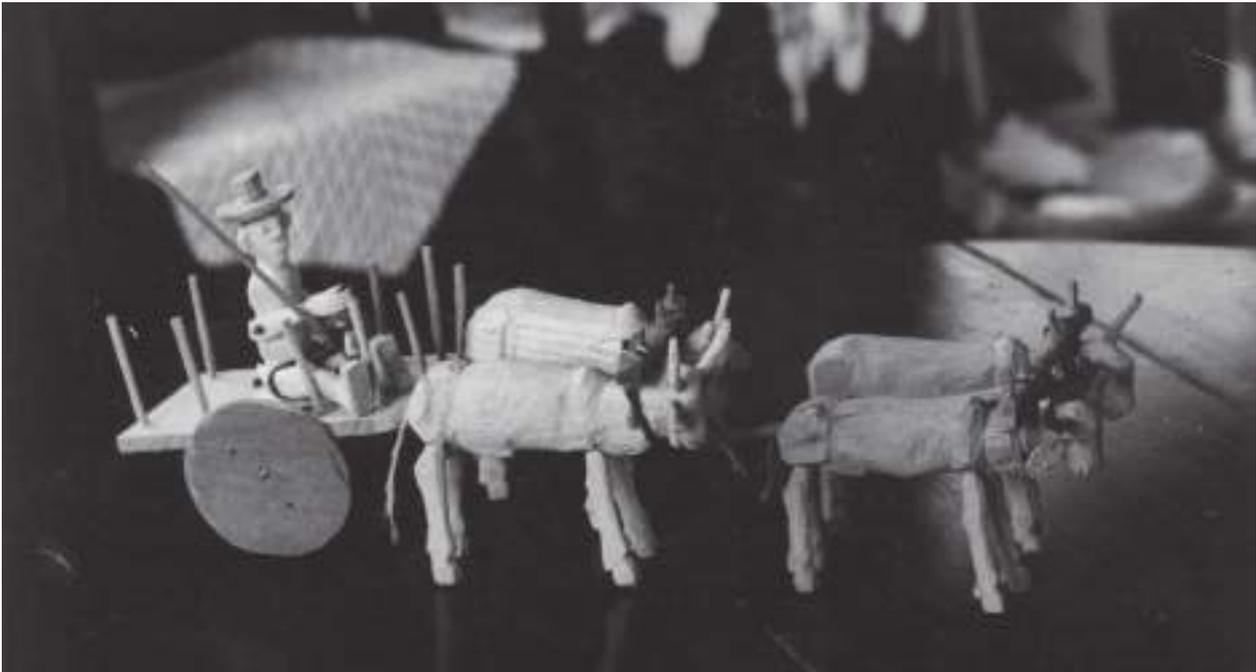
## FUMO

Rolo de fumo. Ou seria fumo de rolo?  
Imagem tomada em Lorena, década de 1970.

## CABAÇA

A fruta, posta para secar, vai virar vasilhame,  
depois. Cabaça, do quimbundo Kabása, ou porunga, do  
quíchua purunka.





### BOIZINHOS

Artesanato em madeira. Duas juntas de bois puxando um carro de carregar cana cortada ou capim para o gado. As rodas, inteiriças, têm no centro o eixo que suporta o cocão; atritando, ambos fazem o rangido típico e dolente que rompe o silêncio das fazendas.

### TRÊS CANOAS

Instrumento de trabalho e de lazer, três barcos repousam entre a cercadura das plantas, no Rio Paraíba. Margem Esquerda, Cachoeira Paulista, 1972.



## CESTO

Traçando taquara para fazer o cesto. Periferia de Cachoeira Paulista, década de 1980.



## CINDERELA

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. Seria uma Cinderela brasileira?



## FOLIÕES COLETA

Foliões de Reis, que percorrem estradas da zona rural do Vale do Paraíba, entre novembro e dezembro, coletando prendas para Festas dos Santos Reis, em 6 de Janeiro. Imagem 1970.



## FIGUREIRA

E, tomando do barro, deu-lhe forma e disse: *Viva!*





## MÚSICA

Instrumentos musicais. A mão que toca um violão, se for preciso, vai à luta...

*Agora eu sei por que velho gosta de ficar no banco do Jardim. Não participar não é não sofrer. Ninguém pode nada contra isso. Com o tempo vem inapelavelmente a sensação de que a vida é afinal uma interinidade um tanto passageira.*



## BEIJU

Beijos (ou bijus), à moda antiga. Na praça em frente à Basílica Velha de Aparecida, década de 1960.



## PIRULITO

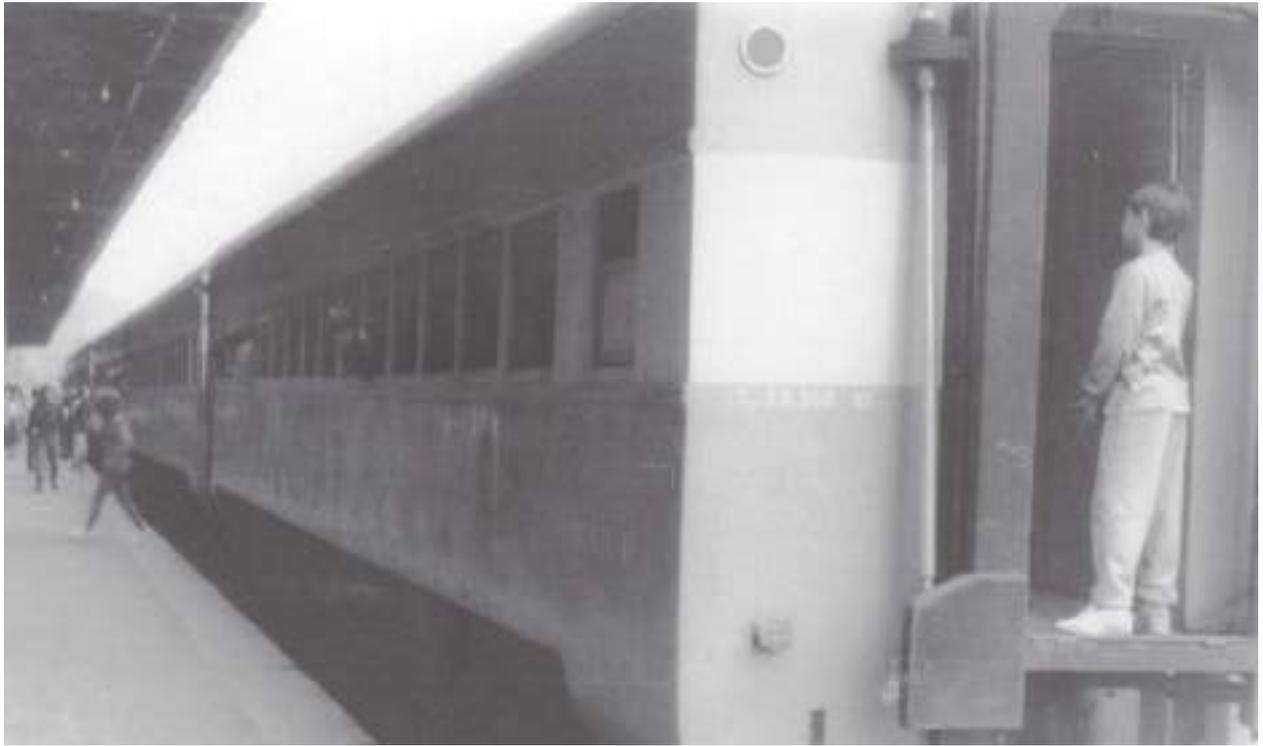
Quem se lembra do tabuleiro de pirulitos? Cunha, década de 1970.



## BARGANHA

Feira de Barganha (ou Breganha). Taubaté, em frente ao Mercado Municipal, década de 1970. Ainda existe.





*O velho expressinho, de madeira, sacolejava lotado, duas vezes por dia, às seis da manhã e às onze da noite. Durante o dia, tinha os rápidos, também duas vezes por dia. À noite, a litorina, o trem baiano KP-64, um noturno e um trem de aço com vagões-leito. Todos cheios. Cumpriam horários, então eram transportes populares confiáveis. A crise do petróleo, a primeira, de 1973, afundou a Rede Ferroviária Federal em vez de fazê-la melhorar, como seria de esperar.*

## PICUÁ

Os cestos se chamam picuás. Podem levar até leitões ou cabritos. Desta vez, cana cortada para o engenho. Os cavalos já conhecem o caminho, de tanto que batem na trilha todo dia. Ao peão, basta acompanhar.

Estrada de Fazenda, onde hoje existe a Canção Nova, em Cachoeira Paulista.

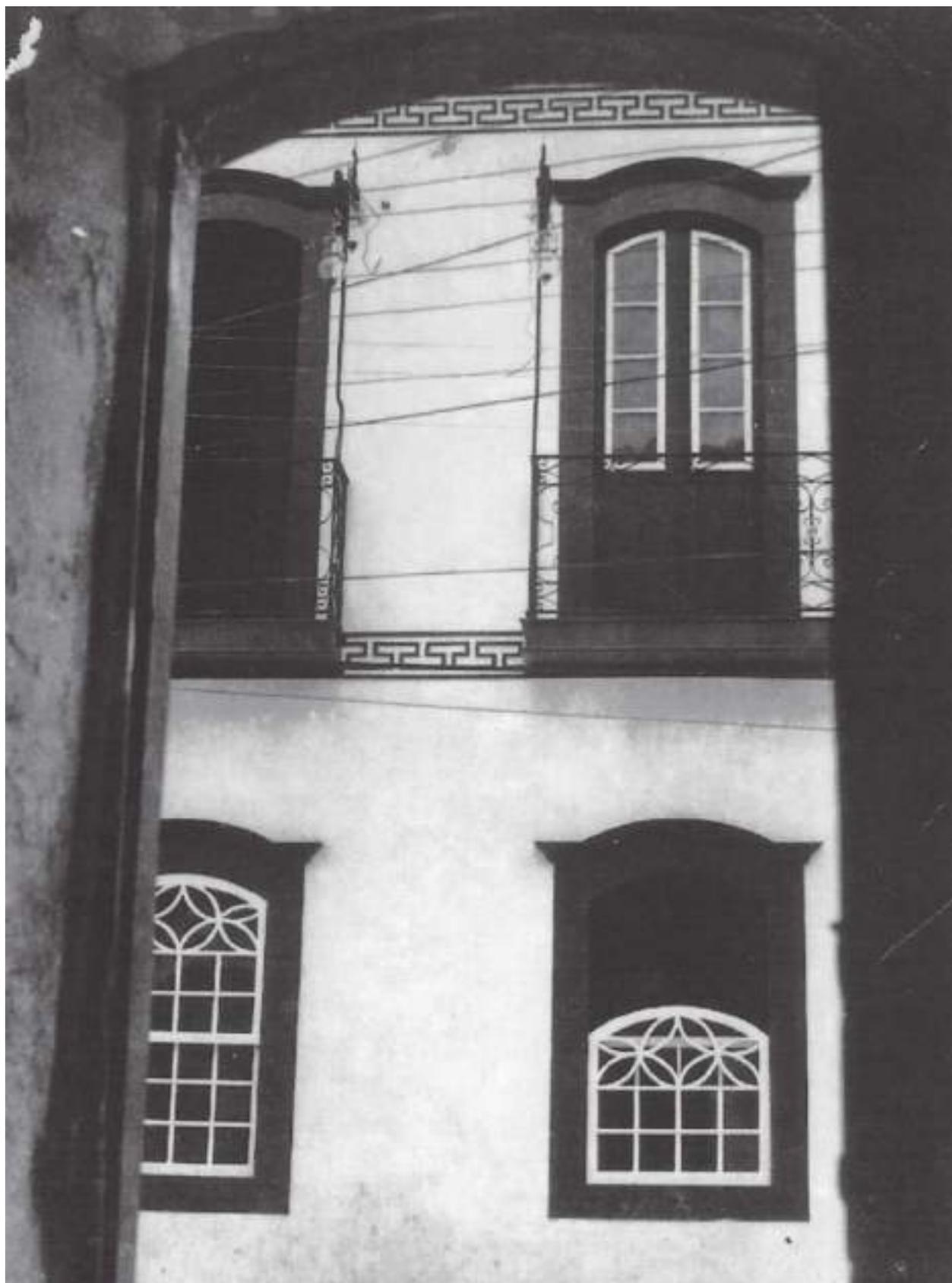
Década de 1960.



# Arquitectura



SÃO LUIZ DO PARAITINGA



AREIAS



SUZANO (DÉCADA DE 60)

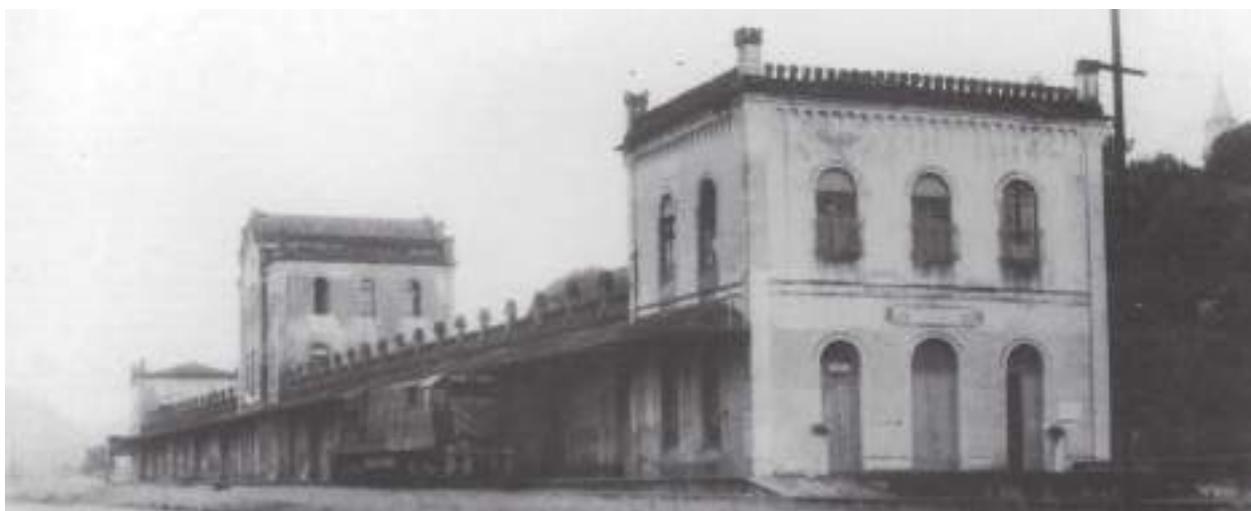




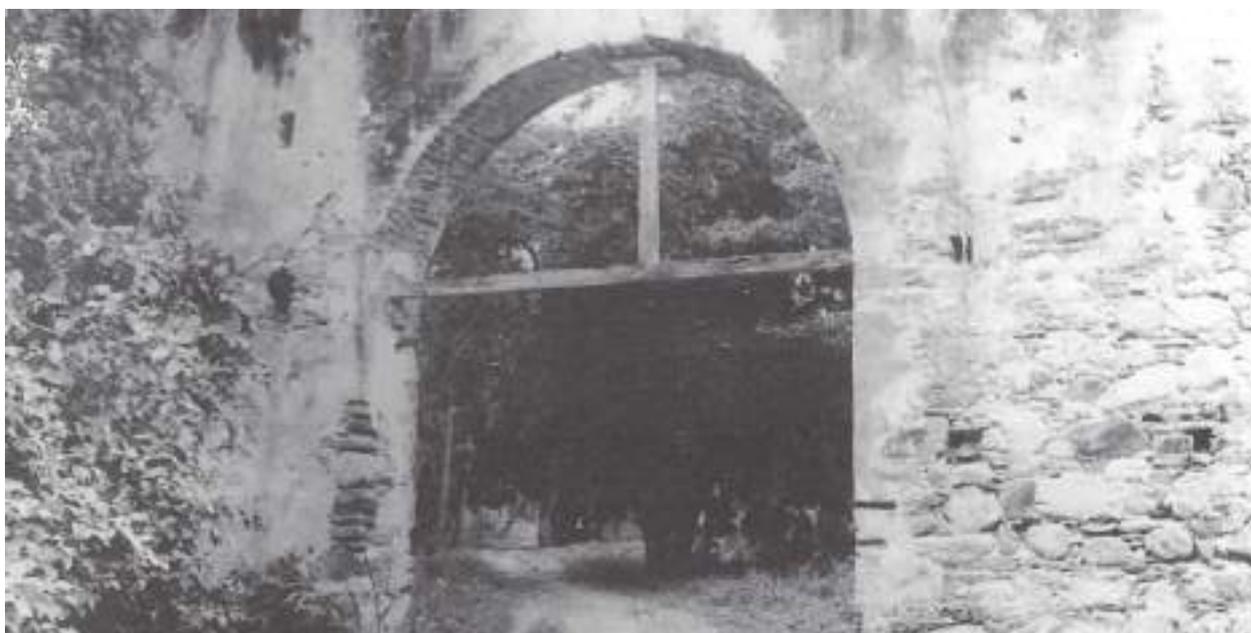
**BANANAL**



**CACHOEIRA PAULISTA**

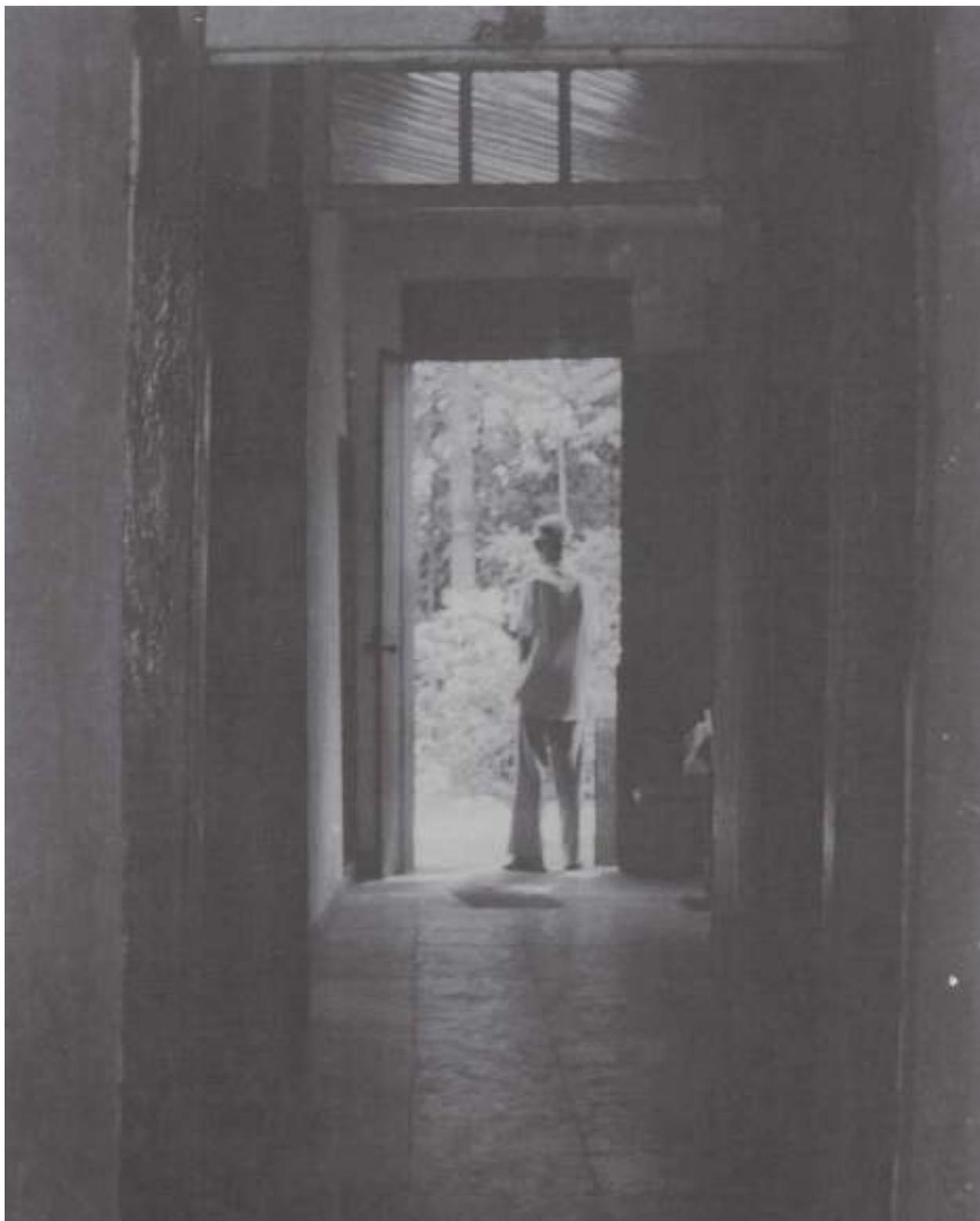


**QUELUZ**



## BARBOSA

Cachoeira Paulista, início de 1975. Joaquim Moreira Barbosa, irmão que sobreviveu ao prefeito Severino Moreira Barbosa, no casarão erguido no século XX. Corredores largos, piso em madeira, conduzindo a um quintal de sol e árvores, bem ao gosto da arquitetura da época.



Se me permitem uma exclamação saudosista: Lorena nunca mais será a mesma sem as palmeiras. Nem Taubaté. Nem Bananal. Mas, afinal, não importa. Não são as palmeiras que importam. Que sejam derrubadas, e muito barulho farão, vindo abaixo de uma altura de trinta metros ou mais, folhas imensas, caule imenso, e o eco repetindo pelo ar o som assustador. Nossos maiores plantaram palmeira. Era o vegetal que lhes convinha, que achavam bonito que amavam. E nós? Que plantaremos em lugar delas?



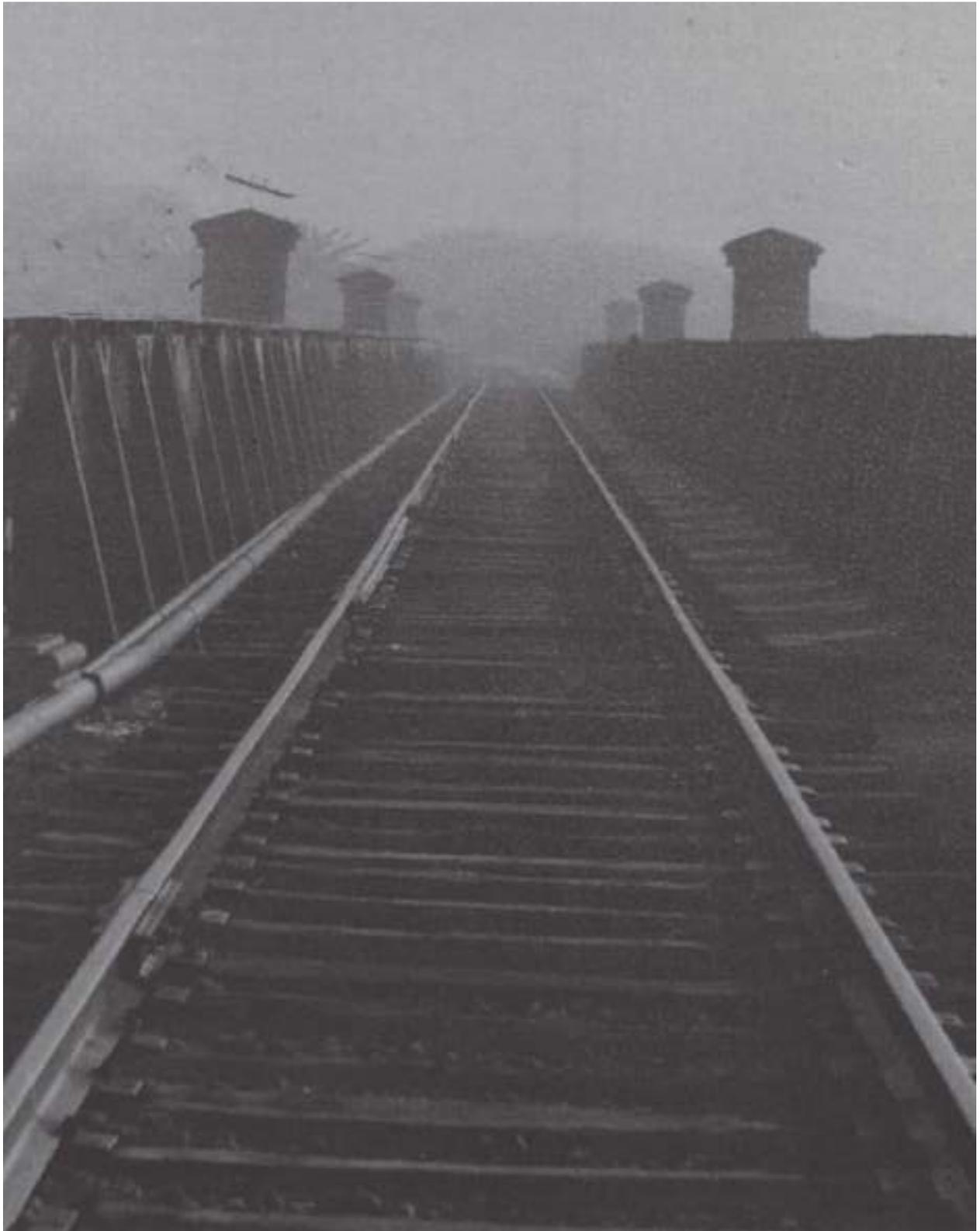


Paisagens

## PONTILHÃO

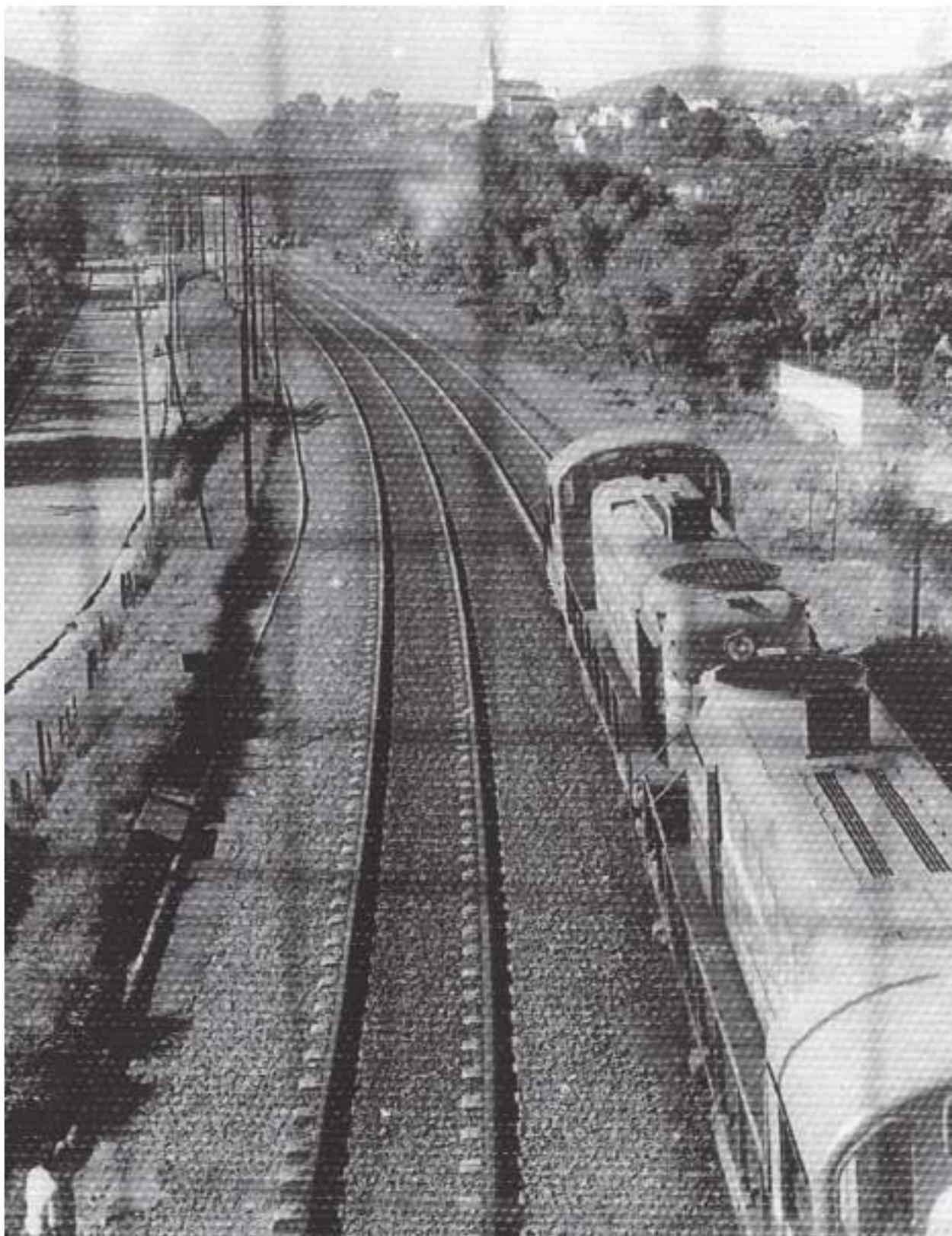
Trilhos que levam à neblina. E. depois...?

Cachoeira Paulista, pontilhão de antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, década de 1980.



## CURVAS

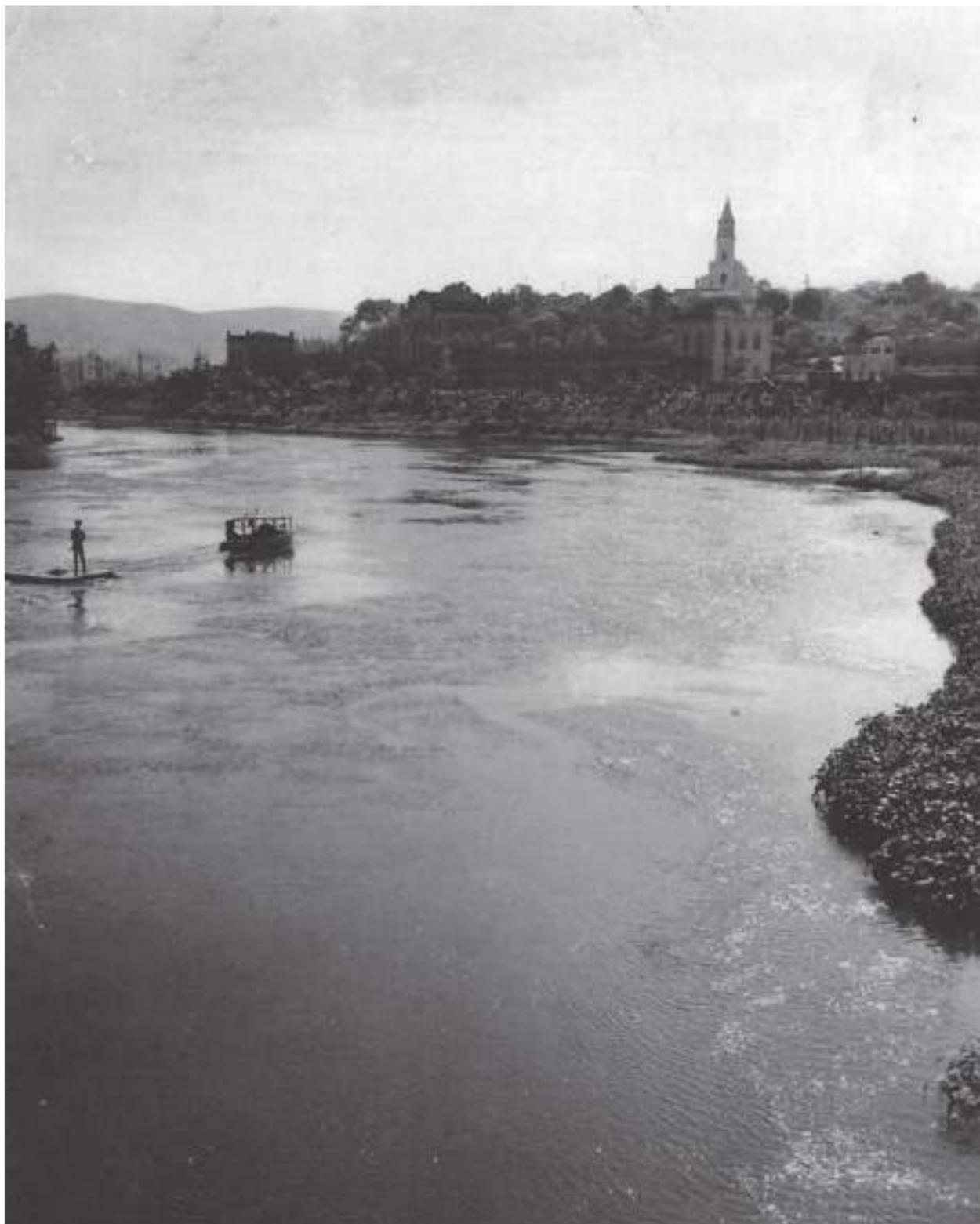
Einstein estava certo.



**RIO PARAÍBA - CACHOEIRA PAULISTA**



Antes de cegar, meu pai enxergava as feridas do rio, fotografava homens que o sangraram. Como não podia lutar contra Deus e Seus mandamentos, contra o câncer que lhe comia a carne, contra o Alzheimer que lhe carcomia o cérebro e também a alma, então dedica-se a fotografar a miséria exposta do seu amigo rio. Viu o que matava o seu companheiro de desventuras no entanto esse homem não tinha mais tempo. O rio claro de sua infância sofria tanto quanto ele, chorava tanto quanto ele.



RIO PARAÍBA - CACHOEIRA PAULISTA







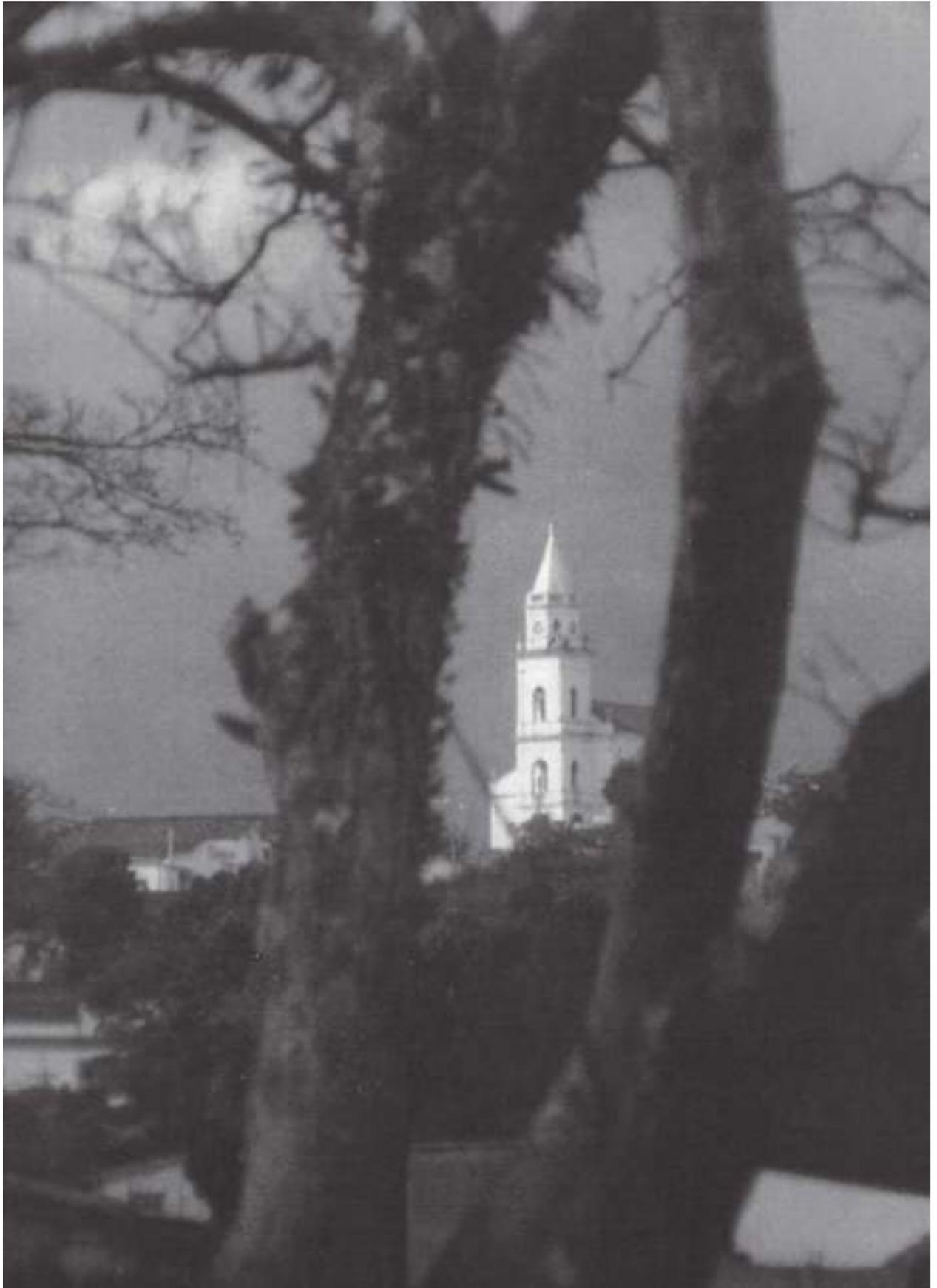
Mil flocos de paina de seda, numa árvore que parece morta. E o vento vem e desfolha, os mil flocos um a um, como se despetalasse flores. Cada semente viaja nas asas do vento, acolchoada no seu leito de paina, viaja para longe, viaja, vai nascer em qualquer lugar distante, para um novo milagre e para novas viagens





Que as gerações presentes se conscientizem cada vez mais sobre a importância de utilizar os recursos naturais de forma correta e adequada. Devemos retirar da terra apenas o necessário, sem poluir com agrotóxicos ou agredir nossa terra, água e ar. Devemos evitar o desperdício e o consumo excessivo. As gerações futuras têm o direito de usufruir dessa nossa riqueza. Preservar a natureza é preservar a nossa própria vida. E isso é sinal de sabedoria.







## NATUREZA

Natureza. Morta e mimética. (A paineira faleceu sob protestos.)

## ENCERRA

Céu e chão. Luz e treva. Geometrias. Geografias. Trilhas. Seja o que for. Gestalt. Amarável, sempre. Botelho Netto, em resumo.





## DIZ QUE VEM BOTELHO

No começo da Transpantaneira,  
Logo que se vai de Paconé.  
À margem da estrada vermelha, poeirenta,  
O Tuiuiú fez seu ninho.  
Na velha árvore quase despida de folhas  
O pássaro. O ninho. A árvore.  
Três seres impossíveis.  
A árvore meio nua, o pássaro só bico, o nihho só  
graveto  
Nada comove o trio, o tríduo, a trindade.

O homem se agita com seu binóculo,  
A “basuka” fotográfica, o caro carro caro.  
Exclama, grita, buzina.  
Deseja uma exibição aeróbica  
Para repetir no papel brilhoso  
No mais Kodak dos matizes.

E tem que se conformar com a pose extática  
E indiferente,  
De árvore, pássaro e ninho.



Eles têm um sentido,  
Uma unidade e uma continuidade.  
Do seu mundo, nada os perturba, nem os comove.  
A árvore cresce simplesmente.  
E doa o galho melhor e os gravetos mais rijos  
Para o ninho.  
O ninho agasalha o pássaro.  
O pássaro, o pássaro...  
O pássaro palpita de pássaros, os ninhos e as  
árvores  
O mundo dele, do rei, do Tuiuiú para os olhos do  
homem.

## OU FOI O CARRO?

— Vamos gente, suba pro carro!  
O estranho e perturbado animal movimenta a  
máquina,  
Dispara a mais de 100.  
Para outro espetáculo.  
Quer espetaculosidade.  
“QUEM SABE A GENTE TEM SORTE DE VER  
UMA SUCURI ATRAVESSANDO A ESTRADA!”



## EU NÃO VI.

Vi uma capivara,  
De olhar docinho,  
Assustadinha.  
À beira da estrada.  
Ferida.  
A estrada vai reta, direta,  
Sem concreto, de terra.  
Um aterro no meu do charco, vivo,  
Pra dar satisfaçõzinha aos ecologistas.  
Jacaré é só bater o solzinho e tem jacaré,  
Jeito de bicho empalhado, á beira das lagoas,  
Nadando nas lagoas, focinho fora d'água,  
No meio do viçoso iguapé verde e roxo.

—\_ Oi! Jacaré! Dá licença de bater a foto?  
Não vá fugir,  
Deixa eu chegar bem perto!...  
Jacaré, deixa eu chegar bem perto ?  
Ele se assusta atoinha e vup!  
Dentro d'água.  
Êta bicho bobo!  
Tem medo até de fotografia...



Bicho temeroso é homem.  
Homem pega jacaré a laço, a unha, a tiro.  
Pega, mata...  
E não come.  
Pena que foge o medroso, o feioso, o escamoso,  
Encourado, se não ia ver!...

Foge bicho  
Foge povo  
Foge mundo  
Vai com Deus

Que o homem  
Tá chegando  
Estraçalhando...  
VEM COM DEUS?  
Diz que vem...

## FIGUREIRA DO VALE JOSÉ BOTELHO NETTO

A rua das figureiras, que é doce, tranquila e poeirenta, oferece amiúde, esse espetáculo de crianças, que, observando as figureiras no seu tranquilo mister, estão aprendendo sem saber .

Dona Idalina faz figuras a quinze anos. Tem muitos filhos, uma filha entrevada, luta com dificuldades, mas a sua expressão, configurando suas humildes criações, é de puro deleite.

A técnica de Edwiges, velha de oitenta anos, é de fazer a peça com rolo de barro superpostos e apertados com os dedos úmidos.

Ela inicia a peça, tendo apenas as mãos limpas e o barro. Este vem de longe, é comprado, o que encarece a peça e limita o lucro humilde do artista.

Com os dedos é afeiçoada a figura humana, calungas nem sempre bonitos, e nunca fiéis à anatomia. O povo não tem preconceito contra a deformação. Na observação de Oswaldo de Andrade Filho, este é um sentimento típico da classe média, que se liga ao conceito de bonitinho e de gracioso.



Desses velhos dedos, mais afeitos ao trabalho duro que às delicadezas da arte, nascerá o milagre.

A cerâmica é utilitária só no nome. Não sendo cozido, o barro é muito frágil e quebradiço, a peça jamais servirá de vasilhas e muito menos para conter líquidos.

Uma faquinha, contornando a peça, apara as arestas.

O tronco calunga, incluindo o chapéu, é feito de uma peça única. O barro, enrolado em forma de corda, formará braços e pernas.

Depois de devidamente conformada a figura, um palito de fósforo serve para alisá-la, eliminando pequenos defeitos.

E eis que surge a primeira criatura. Falta somente secar ao sol, como nosso primeiro pai Adão.

Arte sem barreira e sem preocupação de escola, a cerâmica a folclórica surpreende por sua simplicidade e pureza.

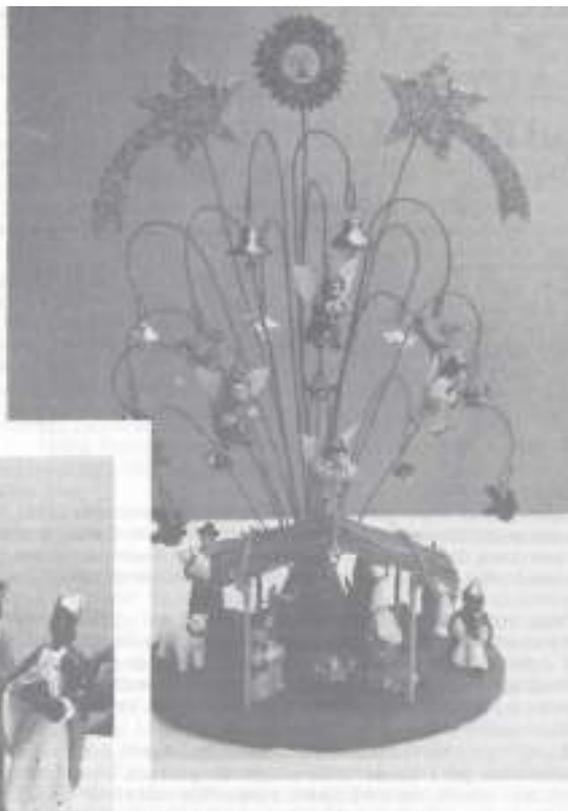
As mãos criadoras do homem do povo são as mesmas que realizam o duro trabalho para sua subsistência.

Finalmente as peças prontas e pintadas, em exposição, esperam os compradores.

Painel das ferramentas do figureiro.



Esta peça inventada por Eugênia, de São José dos Campos, que a chamou poeticamente de "Revoada", é uma espécie de presépio. No ar, tremulam anjos e estrelas. É muito imitada e muito procurada no Vale do Paraíba.



" Adoração do Menino" também é um presépio, de pura invenção valeparaibana, com suas figureiras da rua Imaculada em Taubaté.

Jongo, chama-se esse conjunto de negros dançarinos. Vê-se a fogueira ao centro, indispensável nesse tipo de dança africana, e, ao lado, um casal figurando a umbigada.



## DANÇA DAS FORMAS AS PAISAGENS CRIADAS POR BOANERGES- O ESCULTOR

**TEXTO: OLGA DE SÁ**  
**FOTOGRAFIA: BOTELHO NETO**

Às margens da Dutra, em Moreira César. Contraste radical com o posto de gasolina — seu ganha pão — e a estrada, seu horizonte menor. O maior: o "grande sertão e as veredas" de sua paisagem interior, povoada de figuras, que a mão vai, pouco a pouco extraindo da pedra para a luz exterior.

Boanerges criou esse espaço mágico à beira da Dutra, onde se prolongam as marcas do homem-hoje, do homem- sempre. A gente quase nem acredita no que os olhos estão vendo: na extensão plácida, torrada de grama, pontuada de árvores, de cores, de vozes de pássaros, as figuras doloridas, nascidas da pedra e das mãos de Boá.

As pedras, ele as faz chegar de Ouro Preto, Santa Rita; as pedras, que ele salva de serem pulverizadas em talco industrializado. Lá em Minas, os vendedores dinamitam as jazidas. Por isso, muitas pedras chegam "estrondadas", por dentro.

Existem exploradores dessas jazidas, que fornecem as pedras para o mercado europeu e americano. Lá se transformam em lareiras, porque são capazes de armazenar o calor por mais tempo.

Na paisagem de Boanerges, elas guardam outra espécie de calor: a perenidade das formas. Boá nos diz que procura mostrar, em suas esculturas, o lado amargo da vida. Pelos lugares por onde andou (e foram muitos e sofridos), viu de passagem, "vislumbrou", pessoas humildes, sofrendo. Sentiu com paixão e ternura. Sem saber, guardou essas figuras — diz ele — "na cabeça". No subconsciente.

Hoje, Boá começa a namorar uma pedra. Concentra-se e brotam figuras já vistas, vindas do fundo de sua memória. Desenhava nas paredes da casa da fazenda, a carvão. Fazia currais e bois.

Vocação de menino de seis anos, sem poder cultivá-la, porque era urgente trabalhar para comer. Saiu para o Rio, Itaguaí. Com a arte na cabeça, pegava um lápis, rabiscava um rosto, mas não tinha tempo. Somente há 4 anos, trabalha na pedra. Em sua galeria — coisa de louco! — tem inúmeros trabalhos em madeira.

Em 1962, Boá veio para Guaratinguetá, conheceu Quissak Junior, o grande pintor ali nascido e residente. Boá ficou impressionado com as pinturas de Quissak. "Senti inveja. Fiquei pensando, puxa vida. Tentei pintura, nada consegui. Tenho vocação para a escultura. Quissak me estimulou muito. Contou histórias de artistas que tinham um parque cheio de esculturas. Veio a idéia de

fazer algo semelhante. Quissak me incentivou. Disse: "Boá, você tem talento, não deve parar; experimente a pedra sabão. Fui a Ouro Preto, trouxe pedra-sabão, experimentei, gostei". Boá diz que nunca escreveu nada, julgando-se incapaz. Coisa boa seria escrever, dizer tudo quanto pensa. Não se chateia com as pessoas que o visitam. Elas lhe dão força. O parque não é aberto ao público, porque se não for fechado, muita gente é capaz de escrever nas esculturas. Mas às pessoas que chegam, ele mostra todo o seu trabalho. Um nada sentem. Outras se emocionam.

"Uma ocasião, teve um médico, estava no bar do Posto, viu quadros. O rapaz, meu empregado disse: "o patrão faz esculturas". Ele veio me ver trabalhar. Não me deixou parar. Sentava diante de uma figura e ficava olhando. Esteve assim 4 horas. Disse que tudo era um convite à meditação. Deu-me parabéns".

Boá diz que faz figuras sofridas, porque ele mesmo é triste. "Talvez em cada trabalho meu exista um pedaço de mim, do meu temperamento, minha maneira de encarar a vida. Minha infância foi boa até minha mãe morrer. Tenho essa beleza dentro. Mas acho que a felicidade é estéril. Às vezes, passo por um estado de espírito depressivo. Tenho vontade de abandonar tudo, me largar." A gente torna a olhar as figuras. Lindas no seu despojamento, na sua amargura. Olha-se para o artista, Boá. E não se pode deixar de pensar que uma felicidade muito profunda parece tristeza. A beleza machuca e dói.





**BOANERGES  
HOMO-FABER  
ESCUPTOR**



As mãos do ARTISTA erguem neste Vale, ontem pacífico, hoje pontuado de bombas e armas mostíferas, uma paisagem de trabalho e contemplação.





Este foi seu primeiro trabalho, em madeira, a canivete. Aos 12 anos.

Perdeu a mãe aos 11 anos, viveu na roça com os tios. Seu velho tio caminhava oito quilômetros para comprar mantimentos. Descalço, calça arregaçada até o joelho para evitar o molhado do orvalho, cachorro por companhia, saco de compras nas costas. Boá tinha um jeito para a coisa. Esculpiu o roceiro, o caipira, não o de hoje que conhece as leis, é um sabido. O antigo caboclo era natural na maneira de sentar, se encostar, deixar a barba caída, sem postura arranjada.



"Se ali houvesse uns passos, ainda que fossem solitários... se houvesse alguém andando sozinho... e bastava! São os passos - são os passos que fazem os caminhos" (Quintana)



"Mas tem marca de homem, marca de humana oficina" (João Cabral)



Prometeu acorrentado era altivo como um mito. “Eterno é tudo aquilo que vive na fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata” (Quintana)



Prometeus de hoje, curvados. A miséria – pássaro sem asas – lhes devora o fígado. A dor não os soergue; verga-lhes os ombros, despojados da grandeza legendária. Na autenticidade da própria dor, a marca da redenção.



As árvores que me cobrem, esse verde, as pedras tristes companheiras. Denusa brincando, é tudo o que quero. Depois não sei, vou ficando.



"O olhar não era descritivo, eram descritas as posições das coisas" (Lispector)





“Nenhum dos sonhos é meu. Embora eu os sonhe assim.” (F. Pessoa)



A vida é um deserto: sob a areia, as águas vivas.



“E lá fora um grande silêncio como um Deus que Dorme”. (F. Pessoa)



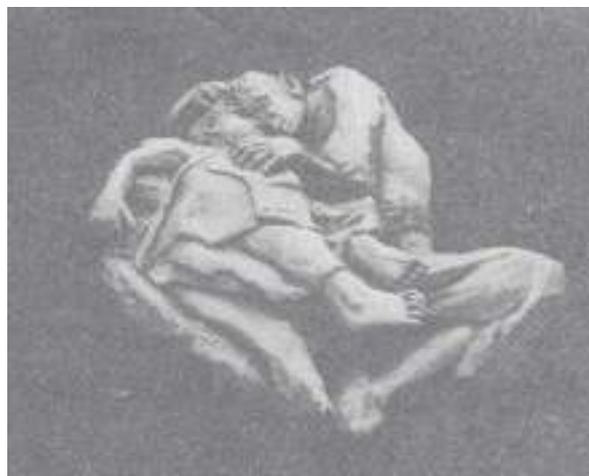
Mulher sentada, com o filho desvalido sobre o joelho. "Dizei-me ó vóz que passais: haverá dor igual à minha dor?" (Bíblia)



Ispira-o a revolta contra alguma coisa. Tem vontade de fazer coisas terríveis. Nos "humilhados e ofendidos", nos mendigos, ele flagra emoções, emoções humanas desconhecidas "dos homens de gravata, mascarados sociais". Não só capta lágrimas, mas, por contraste, também as alegrias do mendigo por ganhar um prato de comida de sal, em seu bar, ou uma nota de cinco mil cruzeiros.



"Aproveita o tempo porque já é mais tarde do que pensas". Estas palavras, em alemão, se leem à entrada de sua galeria.



"Meus trabalhos não visam à perfeição física..."



Nesta galeria estão muitos trabalhos em madeira.

Boá fala de alguns sofrimentos mais recentes: a doença da esposa, as obscuras palavras dos médicos, que o amedrontaram, a operação, a dor curtida em silêncio e, finalmente, a alegria da recuperação.



A ternura pelo nascimento da netinha: DANUSA.

A temática da criança é forte em suas esculturas. Criança desvalida, gente desvalida, cujo abrigo, possível e único, é um casaco velho, feito casa.



Essa escultura é algo que quis dizer ao Maluf, que festejava com 1500 talheres, o aniversário da própria filha. Mnadara um avião à Europa, buscar caviar, champanhe francesa.



Por erro, nunca perdeu um trabalho. Em fase de acabamento, muitas vezes, a pedra se abre, se modifica. Ele lhe segue os caprichos, aproveita-lhe o jeito de ser. Nesta obra, deixou fisar, como ferida exposta, o duro corte da pedra.

"Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-lacaptar sua voz inenfática, impessoal". (João Cabral)





Boá não usa modelos vivos. Ele sabe que os artistas, inclusive escultores – cita Rodin, para ele o maior escultor do século XX – usam modelos vivos. Rodin desenhava, chegava a fazer 80, 100 desenhos de suas formas. Depois, modelava em barro, antes de fundi-la em bronze.

Antes de soltar um trabalho, gastava muito tempo, muito material. Mas ele não tem modelos. Transporta diretamente para a pedra seus projetos interiores. De acordo com os movimentos das figuras, os músculos assumem posturas diferentes. Boá tem de planejá-las

em sua imaginação e transferí-las para a resistência da pedra. Vai porém, medindo tudo, para fazer a anatomia correta e não ficar um braço mais comprido que o outro. Por erro, nunca perdeu um trabalho. “Meus trabalhos não visam á perfeição física. Esta não tem importância. Os antigos desejavam a beleza física, caprichavam na postura. Quem fugisse a essas regras, era rejeitado. Hoje não; prefiro dar expressão corporal, fisionomia às minhas figuras; numa dobra da roupa, numa unha, recupero-me de outros defeitos que, por acaso, apareçam”.

